

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Papa Leão 14 abordou a Inteligência Artificial no texto

Na encíclica, papa Leão 14 pede desaceleração da IA

Em sua primeira encíclica, o papa Leão 14 alertou para os riscos dos efeitos da inteligência artificial sobre o trabalho e novas formas de escravidão, sobre guerras e um colonialismo “de rosto inédito”, sobre a desinformação e a dependência digital. O pontífice pediu que os católicos permaneçam “fiéis à verdade”, que invistam em educação digital, que cuidem das relações com “presença física” e priorizem a justiça e a paz. Da comunidade internacional cobrou “quadros jurídicos adequados” e “vigilância independente”. E instigou a classe política a agir para “reduzir a velocidade onde tudo se acelera”. Chamada de “Magnífica humanitas” (humanidade magnífica, em latim), o texto de 245 parágrafos foi publicado na segunda (25) pelo Vaticano.

Textos direcionados aos católicos

O texto foi publicado pouco mais de um ano depois da eleição do americano Robert Prevost, 70. Seu subtítulo é “sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial”.

Encíclicas são textos aprofundados sobre temas escolhidos pelo papa. Direcionadas a todos os católicos –hoje cerca de 1,4 bilhão–, são consideradas uma indicação das prioridades do pontificado.

Jean-Baptiste Debret, Domínio Público via Wikimedia Commons



Papa reconheceu que a Igreja não condenou a escravidão

Riscos para o mercado de trabalho

O texto está organizado em cinco capítulos, além de introdução e conclusão, e contextualiza o tema da IA sob o ponto de vista teológico e da Doutrina Social da Igreja, centrada nos princípios do bem comum. “Nas escolhas relativas a fluxos econômicos e plataformas digitais, na gestão dos dados e dos algoritmos, não se pode permitir que poucos sujeitos orientem sozinhos os processos”, afirmou.

Para o papa, o mercado de trabalho é uma das áreas mais expostas a riscos. “É desejável que a tecnologia alivie o homem de trabalhos pesados, repetitivos ou perigosos”, diz.

Humanidade deve sempre prevalecer

“Desarmar a IA significa subtraí-la à lógica da competição armada, que hoje não é apenas militar, mas também econômica e cognitiva”, escreveu Leão 14. “Não significa renunciar à tecnologia, mas impedir que ela domine o ser humano. Significa retirá-la dos monopólios, torná-la discutível, contestável e, portanto, habitável.”

Por Michele Oliveira (Folhapress)

Trabalho em foco

Ao citar “novas formas de escravidão” na encíclica, o papa afirma que parte significativa do funcionamento da economia digital é baseada no “trabalho silencioso” de pessoas que realizam “atividades pouco visíveis”, como “etiquetagem de dados, moderação de conteúdos e treino de modelos”.

Escravidão

Em muitos casos, “são jovens, majoritariamente mulheres, que trabalham arduamente por uma remuneração mínima”, disse o pontífice, que também reconhece que a Igreja Católica não condenou veementemente a escravidão transatlântica até o século 19 e fez um pedido de desculpas pessoal.

Pedi desculpas

“Isso constitui uma ferida na memória cristã”, escreveu ele. “Por isso, em nome da Igreja, peço sinceramente perdão.” A paz é um dos temas centrais desse início de pontificado e, nas últimas semanas, motivou atritos entre o papa e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e seu vice, J. D. Vance.

Acordo no Irã

O presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou que o acordo com o Irã será excelente ou não haverá acordo algum. Washington e Teerã minimizaram as esperanças de um avanço nas negociações pelo fim da guerra. O secretário de Estado americano, Marco Rubio, disse que os EUA chegarão a um bom acordo com o Irã ou lidarão com o país “de outra forma”.

Rubio endossa

Há “algo bastante sólido em jogo no que diz respeito à capacidade deles de abrir o estreito, conseguir que o estreito seja aberto, entrar em uma negociação muito real, significativa e com prazo determinado sobre a questão nuclear, e esperamos conseguir isso”, declarou. Os EUA darão à diplomacia “todas as chances de sucesso”, disse.

Acordo distante

O regime persa também alertou que, embora tenham havido avanços nas negociações, ambos os lados ainda não estão perto de chegar a um acordo para o fim do conflito. “Afirmar que a assinatura de um acordo é iminente é algo que ninguém pode sustentar”, disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Esmail Baqai.



Xi Jinping recebe Shehbaz Sharif, o mediador da guerra no Irã

Após Trump e Putin, Xi recebe premiê do Paquistão

Pequim busca mostrar que Islamabad é o sócio minoritário

Victoria Damasceno (Folhapress)

Poucos dias após a visita do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e do presidente da Rússia, Vladimir Putin, o líder do regime chinês, Xi Jinping, também deu boas-vindas nesta segunda-feira (25) ao primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, em um contexto em que o país islâmico ganha relevância ao se tornar o mediador improvável da Guerra no Irã.

A visita, que ocorre principalmente em comemoração do aniversário de 75 anos das relações entre os países, marca também um momento em que Pequim quer se posicionar como ponto focal da diplomacia global, a parada obrigatória para aqueles que estão no centro de disputas.

A narrativa começou com a chegada do americano, seguiu com a passagem do russo e, agora, se estende à recepção do líder do Paquistão, que é também aliado de Trump.

Momentos antes do início das negociações, Xi afirmou que “apesar das instabilidades do mundo, a China sempre priorizou as relações com o Paquistão na vizinhança”. Já Sharif defendeu o multilateralismo e exaltou a parceria entre os países.

A cúpula ocorreu também para debater o Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC, na sigla em inglês), um projeto de infraestrutura para escoamento de produtos chineses pelo porto de Gwadar que se tornou um componente-chave da estratégia chinesa Cinturão e

Rota. O país islâmico busca melhores condições no programa, que é apontado por pesquisadores como uma virada na economia local.

A pauta é a principal, mas não diminui o peso da guerra no Irã como o pano de fundo do encontro entre Sharif e Xi. Há a expectativa de que os líderes tenham discutido o conflito e, principalmente, a reabertura do Estreito de Hormuz.

Joshua Kurlantzick, pesquisador sênior de sul e sudeste asiático no Council on Foreign Relations, afirma que o país islâmico teve ganhos concretos com as negociações em torno do conflito no Irã e com a melhora do relacionamento com os EUA, mas que há dúvidas sobre a durabilidade dessas conquistas.

“A questão mais difícil é se Islamabad conseguirá de fato transformar este momento em algo duradouro. E nisso, a história não inspira muita confiança”, diz.

Nos últimos anos, Sharif tem feito uma aproximação estratégica com Washington. Em setembro do ano passado, ao lado do marechal Asim Munir, o premiê se encontrou com Trump na Casa Branca em um encontro categorizado como de alto nível. Em 2025 o presidente americano vivia sua empreitada de se tornar o mediador de conflitos e, então, ele, Sharif e Munir se aproximaram.

Para Kurlantzick, a cúpula em Pequim e as negociações “são basicamente a China lembrando ao Paquistão o quanto Islamabad depende de Pequim —e que isso não vai mudar tão cedo”.